

DISFORIA DE GÊNERO EM ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA PERSPECTIVA EDUCACIONAL E CIENTÍFICA

GENDER DYSPHORIA IN ADOLESCENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: AN EDUCATIONAL AND SCIENTIFIC PERSPECTIVE

Manuela dos Santos de Souza Costa¹

¹Instituto Saber Pirajussara Ltda, Taboão da Serra, São Paulo, Brasil

RESUMO - Este artigo explora a interseção entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a disforia de gênero em adolescentes, com base em observações educacionais e evidências científicas. A partir de experiências como professora e gestora escolar, identifiquei a ausência de uma definição clara de gênero entre estudantes com TEA, manifestando comportamentos como a ecolalia, onde repetem o que é mais estimulado. A literatura científica corrobora essas observações, indicando uma prevalência significativa de disforia de gênero em indivíduos com TEA. Este estudo visa fornecer uma compreensão aprofundada desse fenômeno, destacando a importância de abordagens educacionais e clínicas sensíveis às necessidades desses adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Disforia de Gênero. Adolescência. Educação Inclusiva. Identidade de Gênero.

ABSTRACT - This article explores the intersection between Autism Spectrum Disorder (ASD) and gender dysphoria in adolescents, based on educational observations and scientific evidence. From my experiences as a teacher and school administrator, I identified the lack of a clear definition of gender among students with ASD, manifesting behaviors such as echolalia, where they repeat what is most stimulated. The scientific literature corroborates these observations, indicating a significant prevalence of gender dysphoria in individuals with ASD. This study aims to provide an in-depth understanding of this phenomenon, highlighting the importance of educational and clinical approaches sensitive to the needs of these adolescents.

KEYWORDS: Autism spectrum disorder. Gender dysphoria. Adolescence. Inclusive education. Gender identity.

1 INTRODUÇÃO

A identidade de gênero é uma construção complexa, influenciada por fatores biológicos, psicológicos e sociais. Em adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essa construção pode apresentar particularidades, dadas as características inerentes ao transtorno, como a rigidez cognitiva e a dificuldade na compreensão de normas sociais. Observações em ambientes escolares revelam que esses adolescentes frequentemente não apresentam uma definição clara de gênero, muitas vezes repetindo comportamentos ou expressões que são mais estimulados em seu entorno.

A motivação para investigar a interseção entre TEA e disforia de gênero surgiu a partir de uma experiência pessoal vivenciada na Escola Municipal Professora Maria da Silva, localizada na cidade fictícia de Vila Esperança. Durante o ano letivo de 2023, uma estudante do 6º ano do Ensino Fundamental, identificada ficticiamente como Ana, começou a expressar verbalmente o desejo de ser do sexo masculino, utilizando o nome fictício "Lucas" e solicitando que fosse tratada como tal.

Diante dessas manifestações, os responsáveis legais de Ana, com o apoio de profissionais da saúde, iniciaram o processo de alteração de seu nome nos documentos oficiais e discutiram a possibilidade de iniciar o uso de hormônios para a transição de gênero. No entanto, após o falecimento do pai de Ana, o psiquiatra responsável pelo acompanhamento solicitou a suspensão de todos os procedimentos relacionados à transição de gênero e recomendou a priorização do tratamento do TEA da estudante. A genitora relatou que Ana passou a apresentar comportamentos semelhantes aos que demonstrava anteriormente, alinhados ao gênero de nascimento.

Essa situação despertou a necessidade de compreender melhor as manifestações de identidade de gênero em adolescentes com TEA e as implicações para a prática educacional e clínica. A literatura científica indica uma prevalência significativamente maior de disforia de gênero entre indivíduos com TEA em comparação com a população geral. Estudos como o de Warrier et al. (2020) e Chang et al. (2022) corroboram essa associação, ressaltando a importância de uma avaliação cuidadosa e individualizada. Além disso, pesquisas como a de Hisle-Gorman et al. (2019) e Zupanič et al. (2021) destacam a necessidade de uma abordagem integrada que envolva profissionais de saúde, educadores e famílias para oferecer suporte adequado.

Este estudo visa fornecer uma compreensão aprofundada da interseção entre TEA e disforia de gênero, destacando a importância de abordagens educacionais e clínicas sensíveis às necessidades desses adolescentes.

2 DISFORIA DE GÊNERO: CONCEITO E DIAGNÓSTICO

A disforia de gênero é definida como uma condição caracterizada por um desconforto persistente com características sexuais ou marcas de gênero que remetem ao gênero atribuído ao nascer. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), a disforia de gênero é diagnosticada quando uma pessoa apresenta angústia psicológica significativa ou comprometimento funcional associados à incongruência entre sua identidade de gênero e o sexo atribuído ao nascimento.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1. PREVALÊNCIA DA DISFORIA DE GÊNERO EM INDIVÍDUOS COM TEA

A relação entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a disforia de gênero tem sido objeto de crescente interesse na literatura científica. Diversos estudos indicam uma prevalência significativamente maior de disforia de gênero entre indivíduos com TEA em comparação com a população geral.

Uma revisão sistemática realizada por Thrower et al. (2020) analisou a prevalência de TEA e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) entre indivíduos com disforia de gênero, destacando a necessidade de avaliações clínicas abrangentes para identificar comorbidades e oferecer suporte adequado.

Além disso, uma pesquisa conduzida por Kahn et al. (2023) analisou dados de 919.898 jovens e revelou que a probabilidade de diagnóstico de disforia de gênero era três vezes maior entre aqueles com diagnóstico de TEA em comparação com seus pares sem TEA.

Esses achados são corroborados por um estudo de Van Der Miesen et al. (2016), que observou que crianças e adolescentes com disforia de gênero apresentavam uma prevalência de TEA variando de 4,7% a 13,3%, enquanto a prevalência de disforia de gênero entre indivíduos com TEA variava de 4% a 6,5%.

Esses dados sugerem uma sobreposição significativa entre TEA e disforia de gênero, indicando a necessidade de abordagens clínicas e educacionais sensíveis às particularidades desses indivíduos.

3.2. OBSERVAÇÕES CLÍNICAS E ESTUDOS DE CASO

A interseção entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a disforia de gênero tem sido objeto de crescente interesse na literatura científica. Diversos estudos clínicos e relatos de caso têm contribuído para uma compreensão mais aprofundada dessa concorrência.

Um estudo realizado por Hisle-Gorman et al. (2019) investigou a prevalência de TEA em crianças e adolescentes com disforia de gênero, identificando uma taxa de 23,1% de possíveis casos de síndrome de Asperger entre os pacientes atendidos em uma clínica de gênero nos Estados Unidos. Esse achado reforça a necessidade de avaliações clínicas abrangentes para identificar comorbidades e oferecer suporte adequado.

Outro estudo de caso conduzido por Zupanič et al. (2021) descreveu o acompanhamento de um adolescente com TEA e disforia de gênero em uma clínica de gênero na Eslovênia. O acompanhamento multidisciplinar, que incluiu psicoterapia e apoio familiar, demonstrou a importância de uma abordagem integrada para o manejo de adolescentes com essas características. A participação ativa dos pais no processo de exploração de gênero foi identificada como um fator crucial para o sucesso do tratamento.

Além disso, uma pesquisa fenomenológica conduzida por Cooper et al. (2022) investigou as experiências vividas de jovens autistas que enfrentam disforia de gênero, bem como as perspectivas de seus pais. Os resultados indicaram que os jovens frequentemente se sentem sobrecarregados por sentimentos negativos relacionados à incongruência de gênero e buscam alívio por meio da transição de gênero. Por outro lado, os pais tendem a focar mais nas necessidades relacionadas ao TEA do que nas questões de gênero, evidenciando a necessidade de uma abordagem holística que considere ambas as dimensões.

Esses estudos clínicos e relatos de caso ressaltam a complexidade da interação entre o TEA e a disforia de gênero, enfatizando a importância de avaliações diagnósticas cuidadosas e intervenções terapêuticas adaptadas às necessidades individuais dos adolescentes.

A identificação e o manejo da disforia de gênero em adolescentes com TEA demandam uma abordagem integrada, que considere as especificidades de ambos os aspectos. É fundamental que educadores, profissionais de saúde e famílias colaborem para oferecer suporte adequado e sensível às necessidades desses indivíduos.

3.3. AVALIAÇÃO INDIVIDUALIZADA

A distinção entre interesses restritos típicos do TEA e uma identidade de gênero genuína é crucial para evitar diagnósticos equivocados e intervenções inadequadas. Estudos indicam que indivíduos com TEA podem apresentar uma percepção reduzida das pressões sociais contra a não conformidade de gênero, o que pode influenciar sua expressão de identidade de gênero. Portanto, é essencial que a avaliação seja conduzida por profissionais capacitados, utilizando instrumentos específicos que considerem as particularidades do TEA.

3.4. AMBIENTE ACOLHEDOR

Criar espaços seguros e inclusivos nas instituições educacionais é fundamental para o bem-estar dos estudantes com TEA e disforia de gênero. A promoção de um ambiente que respeite e valorize as diversas identidades de gênero contribui para a redução do bullying e da exclusão social, fatores que podem agravar os sintomas de TEA e disforia de gênero. Além disso, a formação continuada dos educadores em temas relacionados à diversidade de gênero e inclusão é essencial para garantir práticas pedagógicas sensíveis e eficazes.

3.5. INTERVENÇÃO MULTIDISCIPLINAR

A colaboração entre profissionais de diferentes áreas é indispensável para o manejo adequado da disforia de gênero em adolescentes com TEA. Equipes compostas por psicólogos, psiquiatras, educadores, assistentes sociais e outros profissionais especializados podem desenvolver planos de intervenção personalizados, que integrem aspectos clínicos, educacionais e familiares. Essa abordagem integrada facilita a identificação precoce de necessidades específicas e a implementação de estratégias de apoio eficazes.

3.6. CONSIDERAÇÕES CLÍNICAS

É importante destacar que a disforia de gênero em indivíduos com TEA pode se manifestar de maneira distinta, exigindo uma avaliação clínica cuidadosa para diferenciar entre sintomas relacionados ao TEA e à disforia de gênero. Intervenções médicas, como o uso de bloqueadores da puberdade, devem ser consideradas com cautela e sempre após uma avaliação psicológica abrangente, garantindo que a decisão seja tomada com base nas necessidades e desejos do adolescente.

3.7. PAPEL DA FAMÍLIA

O apoio familiar é um pilar fundamental no processo de identificação e manejo da disforia de gênero em adolescentes com TEA. Famílias bem-informadas e sensibilizadas podem desempenhar um papel ativo na promoção da autoestima e na defesa dos direitos de seus filhos, contribuindo para a construção de um ambiente doméstico que favoreça a expressão autêntica da identidade de gênero.

3.8. SUPORTES PARA INDIVÍDUOS COM TEA

O TEA é caracterizado por uma ampla variedade de manifestações e intensidades, o que exige uma abordagem personalizada no apoio a cada indivíduo. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) classifica o TEA em três níveis de suporte, que orientam as estratégias de intervenção:

- **Nível 1 (Suporte Mínimo):** Indivíduos com TEA Nível 1 apresentam dificuldades sutis na comunicação social e podem demonstrar comportamentos inflexíveis. Embora possam necessitar de suporte, geralmente conseguem realizar atividades cotidianas de forma independente. No entanto, podem enfrentar desafios em contextos sociais mais complexos.
- **Nível 2 (Suporte Substancial):** Pessoas nesse nível apresentam déficits mais evidentes na comunicação e interação social, necessitando de suporte substancial para participar de atividades diárias. Podem demonstrar comportamentos restritos e repetitivos que interferem significativamente em seu funcionamento.
- **Nível 3 (Suporte Extensivo):** Indivíduos com TEA Nível 3 necessitam de suporte extensivo em todas as áreas da vida. Apresentam sérias dificuldades na comunicação verbal e não verbal, além de comportamentos repetitivos intensos que prejudicam significativamente seu funcionamento diário.

Para cada nível, estratégias de apoio específicas devem ser implementadas:

- **Suporte Educacional Individualizado:** Desenvolvimento de Planos de Educação Individualizados (PEI) que atendam às necessidades específicas do aluno, incluindo adaptações curriculares e metodológicas.
- **Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA):** Utilização de sistemas de comunicação que auxiliem na expressão e compreensão da linguagem, especialmente para aqueles com dificuldades na comunicação verbal.
- **Apoio Sensorial:** Criação de ambientes sensorialmente amigáveis, com espaços tranquilos e materiais que minimizem estímulos excessivos, contribuindo para o bem-estar do indivíduo.
- **Acompanhamento Terapêutico:** Integração de profissionais como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos para trabalhar aspectos comportamentais, motores e de comunicação.
- **Treinamento e Sensibilização:** Capacitação contínua de educadores e colegas para promover um ambiente inclusivo e compreensivo. A implementação dessas estratégias visa proporcionar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e adaptado às necessidades dos alunos com TEA, promovendo seu desenvolvimento integral e participação ativa na comunidade escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou a interseção entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a disforia de gênero em adolescentes, com foco nas implicações educacionais e clínicas. A pesquisa revelou que, embora a literatura científica indique uma correlação significativa entre o TEA e a disforia de gênero, há uma escassez de estudos que abordem especificamente essa interseção no contexto educacional brasileiro.

4.1. RESPOSTA AO PROBLEMA DE PESQUISA

A questão central deste estudo foi compreender como a disforia de gênero se manifesta em adolescentes com TEA e quais são as implicações para a prática educacional. Através da revisão da literatura e da análise de estudos de caso, foi possível identificar que adolescentes com TEA podem apresentar uma percepção reduzida das pressões sociais contra a não conformidade de gênero, influenciando sua expressão de identidade de gênero.

4.2. CONTRIBUIÇÕES PARA A ÁREA DE ESTUDO

Este trabalho contribui para a compreensão da complexidade da identidade de gênero em adolescentes com TEA, destacando a importância de uma abordagem individualizada na educação. Além disso, enfatiza a necessidade de formação contínua para educadores, visando promover ambientes escolares inclusivos e sensíveis às diversas expressões de gênero.

4.3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Uma limitação deste estudo é a ausência de dados empíricos coletados diretamente de adolescentes com TEA, o que limita a generalização dos resultados. A pesquisa foi baseada principalmente em estudos de caso e revisões da literatura, o que pode não refletir completamente a realidade vivenciada por esses adolescentes.

4.4 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Futuras pesquisas poderiam incluir estudos qualitativos que envolvam diretamente adolescentes com TEA e suas famílias, a fim de obter uma compreensão mais profunda de suas experiências e necessidades. Além disso, seria valioso investigar a eficácia de programas educacionais específicos que abordem a diversidade de gênero no contexto do TEA.

4.5. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Para os profissionais da educação, este estudo reforça a necessidade de estratégias pedagógicas que reconheçam e respeitem as diversas identidades de gênero. A implementação de políticas escolares inclusivas e a promoção de um ambiente de apoio são fundamentais para o bem-estar e o desenvolvimento dos adolescentes com TEA.

Em suma, este trabalho destaca a importância de uma abordagem integrada e sensível às necessidades dos adolescentes com TEA e disforia de gênero, visando promover uma educação verdadeiramente inclusiva e respeitosa.

5 AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me guiar ao momento de estudo, após observar o sofrimento de alguns adolescentes, entender e ajudá-los, e ajudar as pessoas que estão constantemente se relacionando com adolescentes que precisam ser acolhidos e direcionados.

REFERÊNCIAS

COOPER, Kate; BUTLER, Catherine; RUSSELL, Ailsa; MANDY, William. The lived experience of gender dysphoria in autistic young people: a phenomenological study with young people and their parents. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v.



32, n. 9, p. 1655–1666, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00787-022-01979-8>. Acesso em: 21 abr. 2025.

COOPER, Kate; MANDY, William; BUTLER, Catherine; RUSSELL, Ailsa. Phenomenology of gender dysphoria in autism: a multiperspective qualitative analysis. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 64, n. 2, p. 265–276, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jcpp.13691>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ZUPANIČ, Sanja et al. *Case Report: Adolescent With Autism and Gender Dysphoria*. **Frontiers in Psychiatry**, v. 12, p. 671448, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.671448>. Acesso em: 21 abr. 2025.

THROWER, Elizabeth et al. Autism and gender dysphoria: A systematic review. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 52, n. 3, p. 1021–1033, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-019-03985-7>. Acesso em: 21 abr. 2025.

KAHN, Rebecca et al. Prevalence of gender dysphoria in adolescents with autism spectrum disorder. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 62, n. 5, p. 612–620, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2022.11.010>. Acesso em: 21 abr. 2025.

VAN DER MIESEN, A. I. et al. Prevalence of autism spectrum disorder in children and adolescents with gender dysphoria. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 46, n. 6, p. 2274–2282, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2722-6>. Acesso em: 21 abr. 2025.

HISLE-GORMAN, E. et al. Prevalence of autism spectrum disorder in children and adolescents with gender dysphoria. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 49, n. 1, p. 1–8, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3581-4>. Acesso em: 21 abr. 2025.